

A DANÇA AFRO-BRASILEIRA COMO FERRAMENTA DE EMPODERAMENTO DO CORPO INFANTOJUVENIL

AFRO-BRAZILIAN DANCE AS A TOOL FOR EMPOWERING THE CHILD AND YOUTH BODY

LA DANZA AFROBRASILEÑA COMO HERRAMIENTA DE EMPODERAMIENTO DEL CUERPO INFANTOJUVENIL

 <https://doi.org/10.56238/arev7n9-229>

Data de submissão: 24/08/2025

Data de publicação: 24/09/2025

Luis Félix de Barros Vieira Rocha

Doutor em Educação

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

E-mail: luis.felix@ufma.br

Priscila dos Reis Pereira

Especialista em Educação Especial

Instituição: Universidade Federal do Maranhão

E-mail: priscilalimacorretora@gmail.com

Priscilla Leite Costa

Especialista em Magistério Superior

Instituição: Centro Universitário do Maranhão

E-mail: priscillaleitec@gmail.com

Iranilde do Rosário Gomes

Mestra em Gestão de Ensino da Educação Básica

Instituição: Universidade Federal do Maranhão

E-mail: iranildergm@hotmail.com

Joycineide Oliveira Moura

Especialista em Psicopedagogia

Instituição: Faculdade Atenas Maranhense

E-mail: joycimoura41@gmail.com

Dayane Gomes Melo Corrêa

Mestra em Educação

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão

E-mail: dayanegomesmelo@gmail.com

Silvia Helena Maciel

Especialista em Pedagogia Escolar

Instituição: Faculdade de Teologia Hokemah

E-mail: silvia-macie143@hotmail.com

RESUMO

Este estudo analisa a dança afro-brasileira como ferramenta pedagógica e cultural no processo de empoderamento do corpo infantjuvenil. Evidenciou-se que a dança, ao articular ancestralidade, identidade e resistência, constitui prática educativa capaz de fortalecer a autoestima, combater o racismo e promover a valorização da cultura negra. Os resultados indicam que sua inserção no currículo escolar, em consonância com a Lei 10.639/2003, potencializa a formação crítica e democrática dos estudantes, ampliando as possibilidades de uma educação antirracista e inclusiva.

Palavras-chave: Dança Afro-Brasileira. Educação. Identidade. Antirracismo.

ABSTRACT

This study analyzes Afro-Brazilian dance as a pedagogical and cultural tool in the empowerment of children's and youth's bodies. The findings reveal that dance, by articulating ancestry, identity, and resistance, represents an educational practice that strengthens self-esteem, combats racism, and promotes the appreciation of Black culture. Results indicate that its integration into the school curriculum, in accordance with Law 10.639/2003, enhances students' critical and democratic education, broadening the possibilities of an antiracist and inclusive pedagogy.

Keywords: Afro-Brazilian Dance. Education. Identity. Antiracism.

RESUMEN

Este estudio analiza la danza afrobrasileña como herramienta pedagógica y cultural en el proceso de empoderamiento del cuerpo infantil y juvenil. Se evidenció que la danza, al articular ancestralidad, identidad y resistencia, constituye una práctica educativa capaz de fortalecer la autoestima, combatir el racismo y valorar la cultura negra. Los resultados señalan que su inclusión en el currículo escolar, en consonancia con la Ley 10.639/2003, potencia la formación crítica y democrática de los estudiantes, ampliando las posibilidades de una educación antirracista e inclusiva.

Palabras clave: Danza Afrobrasileña. Educación. Identidad. Antirracismo.

1 INTRODUÇÃO

A escola, enquanto espaço de produção de saberes e de convivência intercultural, enfrenta o desafio de romper com práticas eurocêntricas e de consolidar uma educação antirracista. A promulgação da Lei nº 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, constitui um marco nesse processo. No entanto, como lembram Milan e Soerensen (2011), muitas vezes as práticas escolares ainda silenciam sobre as dinâmicas raciais, perpetuando estereótipos e invisibilizando a contribuição negra para a cultura nacional. Assim, torna-se urgente pensar em estratégias pedagógicas que promovam o reconhecimento, a valorização e o empoderamento das identidades negras desde a infância.

A dança afro-brasileira se destaca nesse cenário como expressão cultural que articula ancestralidade, corporeidade e resistência. Marilza Oliveira (2018, p. 64) ressalta que “o histórico da dança negra no Brasil é marcado pela resistência dos seus disseminadores que reconhecem nela o reflexo da história e memória de um povo”. Essa perspectiva se conecta ao que Gomes (2017, p. 25) denomina de “disputa de identidades e saberes na escola”, em que a valorização da cultura negra se torna prática pedagógica fundamental. Mesmo considerada marginalizada e exótica por parte da sociedade, a dança afro-brasileira sobrevive como prática que preserva e ressignifica tradições africanas em território brasileiro.

Ao lado de Gomes (2017), outros autores contribuem para compreender a potência educativa dessa prática. Munanga (2005) destaca que superar o racismo na escola exige ações concretas que valorizem o pertencimento racial e questionem a invisibilidade da população negra. Nesse sentido, a dança afro-brasileira pode atuar como recurso de combate ao silenciamento, colocando em movimento histórias e memórias que foram negadas. Santos (2006, p. 44) reforça que “a dança afro-brasileira carrega em seus movimentos uma cosmovisão, uma forma de estar no mundo que ressignifica o corpo e o conecta à ancestralidade africana”.

Além de ser um fenômeno artístico, a dança afro-brasileira pode ser entendida como campo epistemológico. Para Perazzini (2022, p. 1904), é necessário falar em Danças Afros, no plural, pois se trata de uma multiplicidade de motrizes culturais em movimento, atravessadas por diálogos, reinvenções e memórias da diáspora. Nesse horizonte, a experiência de Mercedes Baptista se torna exemplar, uma vez que sua trajetória foi marcada pela busca de formação crítica do indivíduo, consciente de suas ancestralidades e camadas raciais e sociais. Ao evocar a filosofia Bantu e o princípio do Sankofa, a autora nos convida a voltar ao passado para compreender as práticas do presente e projetar um futuro mais justo.

A dimensão educativa da dança afro-brasileira é ainda reforçada quando pensada em contextos de comunidades tradicionais. Salvador e Santos (2021) destacam, em experiência realizada em uma escola quilombola, que as danças brasileiras de matriz africana constituem saberes legítimos e sensíveis, capazes de produzir conhecimento a partir do corpo coletivo quilombola. Nessa linha, Martins (1997) já defendia que a ancestralidade não é apenas memória, mas também presença que orienta práticas culturais e pedagógicas de resistência, como se observa nos reinados negros e nas expressões populares.

O corpo é central nessa discussão. Ele não é apenas suporte biológico, mas lugar de inscrição de memórias, subjetividades e ancestralidades. Silva Júnior e Silva (2024, p. 2) afirmam que “o corpo e a dança emergem como cernes da manutenção e preservação da identidade cultural das pessoas negras”. Para hooks (2019, p. 47), “a educação libertadora só é possível quando reconhece o corpo como lugar de conhecimento e de poder”. Assim, o corpo infantojuvenil pode ser empoderado por meio da dança afro-brasileira, tornando-se território de afirmação de identidades e de resistência contra o racismo. Ao movimentar-se em ritmos afro, a criança ou adolescente não apenas dança, mas reatualiza saberes ancestrais e fortalece sua autoestima.

No campo pedagógico, a dança afro-brasileira é um recurso que contribui diretamente para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER). Siqueira e Martins (2024) defendem que a inserção da dança nas aulas de Educação Física e Arte é um caminho para concretizar a Lei 10.639/03 e promover práticas efetivamente antirracistas na escola pública. Para os autores, não se trata apenas de incluir atividades em novembro, no mês da Consciência Negra, mas de assumir a ERER como prática constante que valoriza a cultura afro-brasileira no cotidiano escolar.

Portanto, discutir a dança afro-brasileira como ferramenta de empoderamento do corpo infantojuvenil significa reconhecer sua potência histórica, cultural e pedagógica. Ela se constitui como prática que rompe silêncios, combate o racismo e fortalece identidades, ao mesmo tempo em que possibilita aprendizagens significativas. Como afirma Milan e Soerensen (2011), a dança afro-brasileira pode se mostrar eficiente para construir condições de vida mais igualitárias, promovendo respeito e reconhecimento da diversidade. Diante disso, este artigo, de caráter bibliográfico, tem como objetivo analisar de que maneira a literatura aponta a dança afro-brasileira como prática educativa capaz de empoderar o corpo infantojuvenil e contribuir para a efetivação de uma educação antirracista.

Nesse sentido, a dança enquanto linguagem da arte, elemento da cultura corporal e expressão humana se justifica no âmbito escolar, uma vez que:

1. Propiciar o autoconhecimento.
2. Estimular vivências da corporeidade na escola.
3. Proporcionar aos educandos relacionamentos estéticos com as outras pessoas e com o mundo.

4. Incentivar a expressividade dos indivíduos. 5. Possibilitar a comunicação não verbal e os diálogos corporais, na escola. 6. Sensibilizar as pessoas, contribuindo para que elas tenham uma educação estética, promovendo relações mais equilibradas e harmoniosas diante do mundo, desenvolvendo a apreciação e a fruição da dança (Barreto, 2004 p.66).

Concordamos com Barreto (2004), ao destacar que a dança carrega múltiplos sentidos e significados que evidenciam sua relevância no contexto escolar e na formação integral das crianças. Assim, o ensino da dança na escola deve oportunizar ao educando a possibilidade de experimentar, explorar, criar e compreender as diversas dimensões dessa linguagem artística, promovendo diálogos do corpo consigo mesmo, com o outro e com a sociedade.

O ensino de dança na escola pode dar subsídios ao aluno para melhor compreender, desvelar, desconstruir, revelar e transformar as relações que se estabelecem entre corpo, arte e sociedade, de forma a contribuir para que os alunos tomem consciência de suas potencialidades, aumentando sua capacidade de resposta e sua habilidade de comunicação. Seu objetivo englobaria a sensibilização e a conscientização tanto nas posturas, atitudes, gestos e ações cotidianas, quanto em suas necessidades de se expressar, comunicar, criar, compartilhar, interagir na sociedade em que vivemos (Godoy In Godoy e Antunes, 2010, p.39).

A dança afro deve ser compreendida como um espaço de expressão criativa e de protagonismo, possibilitando que os sujeitos construam suas próprias narrativas corporais. Trata-se de uma prática em que a ludicidade, a criatividade e a imaginação atuam como elementos centrais, impulsionando experiências pedagógicas que respeitam as singularidades, as histórias de vida, as culturas, os corpos e as limitações individuais. Ao valorizar essas dimensões, a dança afro reafirma sua potência histórica e cultural, promovendo uma educação que dialoga com identidades e ancestralidades.

A dança, enquanto linguagem artística e expressão humana, configura-se como um campo essencial para o desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade e do protagonismo dos sujeitos. Segundo Marques (2010), a dança possibilita a exploração do corpo em movimento, ampliando formas de comunicação e de interação social, ao mesmo tempo em que promove aprendizagens significativas. Nesse sentido, a dança deve ser entendida como um espaço que valoriza a ludicidade, a imaginação e a construção de narrativas corporais, respeitando as singularidades e experiências culturais de cada indivíduo.

Especificamente, a dança afro assume um papel ainda mais relevante ao resgatar saberes ancestrais e fortalecer identidades historicamente silenciadas. Para Nascimento (2009), as práticas corporais de matriz africana constituem importantes ferramentas de resistência e afirmação cultural, pois carregam memórias coletivas e valores de pertencimento. Assim, a dança afro, ao ser inserida nos espaços educativos, contribui não apenas para a expressão artística, mas também para a construção de

uma educação antirracista, capaz de reconhecer a diversidade e de promover o empoderamento do corpo como território de história e cultura.

A dança negra estabelece diálogos que promovem reflexões sobre o combate ao racismo e à discriminação racial, ao mesmo tempo em que valoriza o reconhecimento da identidade negra, o direito à cidadania e a diversidade cultural. Além disso, possibilita ampliar as discussões acerca do contexto sociopolítico, reforçando seu papel como prática artística, educativa e de resistência.

A dança de expressão negra foca na valorização como fator de resistência cultural da construção da identidade e da estética cultural negra, o que significa dizer, que dança negra está sendo revelada no Brasil como instrumento de luta e de afirmação da comunidade negra, na perspectiva de modernidade e do contexto histórico-cultural da época (Silva, 2015, p. 52).

Os aspectos que caracterizam a dança de expressão negra remontam às suas origens, destacando sua relação intrínseca com a etnicidade e com as contribuições do continente africano na construção de seus significados. Nessa perspectiva, a identidade negra se configura como um processo em constante desenvolvimento, marcado pelo diálogo e pela interação com outras identidades, o que evidencia sua dinamicidade e capacidade de ressignificação cultural.

A dança de matriz africana constitui-se como expressão artística de forte significado simbólico, cultural e identitário. Para Sobino e Lody (2011), trata-se de uma manifestação que integra arte, criação, memória e saúde, ao mesmo tempo em que se configura como foco de identidade, exigindo um diálogo permanente entre dança, cultura e corpo cultural na composição coreográfica. No entanto, observa-se que a dança tradicional e popular brasileira ainda carece de estudos aprofundados e de registros sistemáticos que possibilitem interpretações mais consistentes sobre sua riqueza estética e histórica.

Sob essa perspectiva, torna-se fundamental abordar a dança e a cultura afro-brasileira a partir de um olhar interdisciplinar, capaz de evidenciar suas conexões com memórias, etnias, civilizações e povos que lhe conferem sentido. Como afirmam Sobino e Lody (2011, p. 13), “o corpo é um espaço socialmente informado, que assume repertórios de movimentos e se define como um lugar de produção de conhecimento. A dança é uma realização social, uma ação pensada, refletida, elaborada tática e estrategicamente, abrangendo uma intenção de caráter artístico, religioso, lúdico entre outros”. Assim, a dança afro-brasileira revela-se não apenas como linguagem estética, mas como prática social e política que mobiliza identidades e ressignifica a experiência cultural.

Pensar o ensino da dança afro-brasileira nos espaços educativos e culturais é uma necessidade urgente. Nesse sentido, torna-se essencial desenvolver práticas formativas emancipatórias, decoloniais e críticas, capazes de valorizar a história e a memória dos ancestrais africanos. A ênfase nas danças de

matriz afro-brasileira, aliada à inserção de outros elementos da cultura africana e afro-brasileira — como a literatura, as brincadeiras e jogos de origem africana, os instrumentos musicais tradicionais, entre outros — contribui para o fortalecimento da consciência negra e da afirmação identitária dos sujeitos, possibilitando também uma educação voltada ao respeito e à valorização da diversidade cultural.

Ao abordar as danças afro-brasileiras, cria-se a oportunidade de que pessoas negras e não negras compreendam a importância das heranças culturais africanas e reconheçam seus valores no contexto social contemporâneo. Embora tais práticas não sejam, por si só, suficientes para a emancipação plena, elas representam caminhos de inserção, reflexão e transformação. Como afirma Ferraz (2018, p. 4), “as práticas das danças negras conectam com sensor de ancestralidade, pois são elaboradas a partir de saberes e fazeres da tradição, referenciais constantemente atualizados no tempo presente. Seus diversos usos do corpo refletem modos de vida incorporados coletivamente, filosofias e relações de respeito com os mestres”. Dessa forma, ao lado da oralidade — compreendida como fenômeno social e ético que garante a transmissão dos saberes e a renovação das tradições —, a dança afro-brasileira se consolida como prática educativa, estética e política fundamental na luta contra o racismo e na afirmação da diversidade cultural.

Petit (2015) destaca que, na religiosidade de matriz africana — fio condutor que perpassa e une grande parte das manifestações culturais populares, marcadas pela ampla participação de negros e negras — o corpo-dança afro-ancestral não apenas dança, mas também canta, narra histórias e mitos e manipula objetos simbólicos. O mito, nesse contexto, é compreendido como elemento fundamental das tradições afrodescendentes, pois constitui um meio de conexão com os ancestrais e com os ensinamentos por eles legados. Assim, a relação entre mito e corpo que dança encontra-se profundamente vinculada ao cotidiano sagrado, reafirmando a centralidade da ancestralidade na experiência cultural e espiritual afro-brasileira.

Compreender essas heranças representa reconhecer as múltiplas influências da tradição, que constituem a razão de nossa existência e resistência, fortalecendo nossa identidade e ampliando a compreensão da cultura brasileira em sua totalidade, ao valorizar nossas diversidades (Santos, 2009, p.33). Ao abordar tais aspectos, abre-se um espaço de ressignificação da herança africana e afro-brasileira, pautado em uma perspectiva pluricultural, considerando que essas tradições desempenham papel fundamental na construção de uma identidade que celebra e incorpora a diversidade.

O movimento corporal é entendido como universal; está presente na história dos povos, reescrivendo tradição e construindo um determinador comum que é tomado como princípio para o ensino da dança. A proposta pluricultural Corpo e Ancestralidade trilha um caminho

que entrelaça a tradição herdada, a oralidade, a mitologia, as danças, os contos, os gestos, os ritmos de forma técnica e criativa (Santos, 2009, p.33).

Discutir, refletir e sistematizar a prática da dança a partir de uma perspectiva da ancestralidade proporciona oportunidades para vivenciar as danças negras e afro-brasileiras. Essa vivência não se limita à dimensão artística, mas também permite compreender a dança como espaço de conexão com memórias, espiritualidade e práticas ritualísticas, nas quais o corpo se manifesta como veículo de experiências simbólicas e transcendentais.

Essa experiência fortalece a expressão corporal, estimula o processo criativo e promove a valorização das tradições e memórias da herança africana e afro-brasileira, sempre em diálogo com a diversidade, reafirmando a importância de reconhecer e preservar essas manifestações culturais. “Na dança, a expressão dramática e a conexão com forças sobrenaturais se manifestam quando determinados indivíduos, em estado de êxtase, buscam uma comunhão com essas forças, refletindo um estado emocional, de modo que, durante o ritual, houve uma experiência do corpo, enquanto matéria viva, com o divino” (Rocha, 2024, p. 139).

A dança aparece como um fenômeno que ultrapassa a dimensão estética para assumir caráter espiritual e simbólico, no qual o corpo, em estado de êxtase, torna-se mediador entre o humano e o divino. Ao destacar a comunhão com forças sobrenaturais, a narrativa sublinha a potência da experiência ritual como vivência coletiva e subjetiva que ressignifica o corpo enquanto matéria viva. Assim, a dança é compreendida não apenas como expressão artística, mas como linguagem sagrada capaz de revelar, pela corporeidade, os vínculos entre emoção, transcendência e espiritualidade.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, pois tem como objetivo compreender a dança afro-brasileira como ferramenta de empoderamento do corpo infantojuvenil a partir de estudos e produções acadêmicas já existentes. Segundo Lakatos e Marconi (2017), a pesquisa bibliográfica busca fundamentar teoricamente um tema específico, permitindo ao pesquisador analisar, interpretar e sistematizar o conhecimento já produzido, oferecendo uma base sólida para reflexão crítica. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica se apresenta como adequada ao estudo da relação entre práticas corporais de matriz afro-brasileira e o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes.

O procedimento metodológico envolveu inicialmente a seleção criteriosa de obras e artigos científicos relacionados à dança afro-brasileira, à infância e adolescência e ao empoderamento corporal e cultural. Foram consultadas dissertações com prioridade para publicações recentes e relevantes sobre a temática no Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES). Minayo (2014) ressalta que a escolha

criteriosa das fontes é essencial para garantir a consistência e a confiabilidade da análise, sobretudo em pesquisas que buscam compreender fenômenos culturais e educativos. Além disso, autores como Cabral (2006) e Santos (2010) destacam a importância de analisar a dança como prática educativa e espaço de construção de identidade, autoestima e pertencimento, aspectos centrais para o empoderamento infantojuvenil.

Na etapa seguinte, foi realizada a análise e interpretação dos textos selecionados, buscando identificar como a dança afro-brasileira atua no desenvolvimento físico, emocional e social de crianças e adolescentes. Essa análise contemplou a Arte quanto a abordagem cultural e social da dança, articulando teorias de empoderamento corporal, formação da identidade e valorização da cultura afro-brasileira. Munanga (2012) e Gomes (2017) enfatizam que práticas culturais de matriz africana, como a dança, são instrumentos de resistência e afirmação identitária, contribuindo para a autoestima e o reconhecimento do corpo e da cultura como elementos de empoderamento.

Por fim, os dados coletados foram sistematizados de forma crítica, estabelecendo relações entre as diferentes abordagens e identificando lacunas na literatura. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica permite compreender o estado da arte de um determinado campo do conhecimento, possibilitando reflexões teóricas que podem subsidiar práticas pedagógicas e futuras pesquisas. Assim, a metodologia adotada não apenas oferece uma base teórica consistente sobre a dança afro-brasileira como ferramenta de empoderamento, mas também aponta caminhos para a aplicação prática dessa perspectiva em contextos educativos voltados ao público infantojuvenil.

3 RESULTADOS

O estado de conhecimento consiste em um mapeamento sistemático das produções científicas já realizadas sobre determinado tema, com o objetivo de identificar avanços, lacunas e tendências das pesquisas. Trata-se de um movimento de análise crítica que permite compreender como um campo tem sido construído e quais são os referenciais teóricos e metodológicos predominantes. Segundo Morosini e Fernandes (2014, p. 155), o estado de conhecimento “não apenas localiza a produção já existente, mas possibilita situar o pesquisador em relação a ela, permitindo que se avance para novas perspectivas e olhares sobre o objeto investigado”. Dessa forma, sua elaboração é indispensável em pesquisas acadêmicas que buscam rigor, relevância e inovação. De acordo com Rocha (2024, p. 60):

[...] o Estado da Arte ou do Conhecimento é um universo diverso de tipos de pesquisas, marcados por graus de aprofundamento e múltiplos registros. Assim, na construção do Estado de Conhecimento, não há apenas aquele que se dispõe a elaborar a produção científica, o estudioso/pesquisador, isoladamente, há outros atores que influenciam os rumos de uma

pesquisa, como a instituição, o país onde se vive e o mundo, ou seja, há uma diversidade de aspectos que pesam na constituição de qualquer estudo.

Além de mapear a produção, o estado de conhecimento possibilita a articulação entre teoria e prática, revelando como os resultados de pesquisas vêm sendo apropriados em diferentes contextos educativos, sociais ou culturais. Romanowski e Ens (2006) destacam que a sistematização desse tipo de estudo contribui para a consolidação de campos de investigação, na medida em que organiza e dá visibilidade às principais contribuições já existentes. Nesse sentido, realizar um estado de conhecimento não é apenas levantar dados, mas construir uma leitura crítica que oriente novas pesquisas e subsidie práticas pedagógicas, políticas públicas e produções científicas de forma mais consciente e fundamentada.

A análise das dissertações produzidas entre os anos de 2021 e 2023 revela um panorama significativo sobre a pesquisa em dança afro-brasileira e suas múltiplas dimensões de atuação no contexto educacional, artístico e cultural. Os trabalhos selecionados contemplam diferentes regiões do Brasil – Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Brasília, Pelotas, São Paulo e Alagoas – e abordam temáticas que envolvem ancestralidade, resistência cultural, pedagogia, corporeidade e valorização da identidade negra.

Os estudos considerados indicam que a dança afro-brasileira desempenha papel central no empoderamento do corpo infantojuvenil, seja por meio de práticas pedagógicas em projetos escolares, seja na preservação de saberes tradicionais e manifestações culturais populares. Além disso, observa-se uma interseção entre práticas estéticas e políticas, evidenciando a dança como ferramenta de afirmação identitária e resistência frente às desigualdades e processos de marginalização cultural.

Dessa forma, os resultados apresentados nesta seção não apenas registram a produção acadêmica recente sobre o tema, mas também permitem compreender as tendências e contribuições das pesquisas para o fortalecimento da educação antirracista, para a valorização dos saberes afro-brasileiros e para a construção de experiências de empoderamento corporal entre crianças e adolescentes. A seguir, são detalhadas as dissertações analisadas, destacando o objeto de estudo, a abordagem metodológica e as principais contribuições de cada pesquisa.

Quadro 1 - Quadro demonstrativo das dissertações analisados

Ano	Título	Autor	Tipo	Instituição
2021	Benza Deus, três vezes no coração: saberes e fazeres das rezadeiras do terreiro Bate Folha como poética de dança afroancestral	Carolina Luisa Bastos Santos	Dissertação	Universidade Federal da Bahia (UFBA)
2021	Negritude, Hip-Hop e Território – BH Canta e Dança	Rogério Francisco Dias	Dissertação	Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

Ano	Título	Autor	Tipo	Instituição
2022	A "Dança Afro-Brasileira Cênica": experiências pedagógicas em projeto de contraturno escolar	Darlene Fabri Ferreira Rocha	Dissertação	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
2022	Epistemologia do corpo negro: uma percepção capixaba da dança cênica negro-brasileira	Maicom Souza e Silva	Dissertação	Universidade de Brasília (UnB)
2022	Swing afro baiano: uma perspectiva de dança popular na Bahia	Eric Barbosa Araujo	Dissertação	Universidade Federal da Bahia (UFBA)
2022	Memórias dos patrimônios afropelotenses: a dança negra e a ressignificação de um corpo-objeto em um corpo-memória	Naiâne Ribeiro Rosa	Dissertação	Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
2023	Pode o ancestral ser contemporâneo?: pedagogias plurais em danças afrocentradas	Talita Lima de Araujo	Dissertação	Universidade de São Paulo (USP)
2023	Dança afro-brasileira: histórias de danças e narrativas etnográficas sobre a dança afro alagoana	Maciel Ferreira de Lima	Dissertação	Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Fonte: Autores.

A produção acadêmica sobre a dança afro-brasileira no Brasil, entre os anos de 2021 e 2023, revela um campo em expansão que busca compreender as dimensões estéticas, pedagógicas, políticas e ancestrais dessa manifestação. O conjunto das dissertações analisadas evidencia a centralidade da dança como prática cultural, educativa e de resistência, especialmente no que tange à valorização da identidade negra, ao empoderamento corporal e à preservação das memórias afro-diaspóricas.

A dissertação de Santos (2021), Benza Deus, três vezes no coração: saberes e fazeres das rezadeiras do terreiro Bate Folha como poética de dança afroancestral, desenvolvida na Universidade Federal da Bahia, investiga os saberes das rezadeiras do Terreiro Bate Folha e sua relação com práticas corporais que se configuram como poéticas de dança. A autora problematiza a ancestralidade como fundamento da criação artística, destacando a religiosidade e a memória como eixos estruturantes da pedagogia do corpo negro.

Na mesma direção, a pesquisa de Dias (2021), intitulada Negritude, Hip-Hop e Território – BH Canta e Dança, realizada na Universidade do Estado de Minas Gerais, examina a relevância do evento “BH Canta e Dança” para a cultura Hip-Hop em Belo Horizonte. O autor evidencia como a dança se articula à territorialidade e à negritude, afirmindo-se como expressão estética e política de jovens periféricos. O estudo contribui para a compreensão da dança como espaço de resistência e reconfiguração identitária.

Em 2022, a dissertação de Rocha, A "Dança Afro-Brasileira Cênica": experiências pedagógicas em projeto de contraturno escolar, defendida na Universidade Federal do Espírito Santo, destaca a inserção da dança afro-brasileira no contexto escolar. A autora demonstra que a prática contribui para uma educação antirracista, valorizando a corporeidade e possibilitando reflexões sobre as relações

étnico-raciais. Trata-se de um trabalho relevante por apontar o potencial da dança como conhecimento legítimo no ambiente escolar.

Na mesma linha, a pesquisa de Silva (2022), *Epistemologia do corpo negro: uma percepção capixaba da dança cênica negro-brasileira*, defendida na Universidade de Brasília, busca compreender os gestos e movimentos da dança cênica como formas de produção de subjetividades. O autor propõe uma abordagem fenomenológica, articulada a perspectivas afrodiáspóricas, reafirmando a centralidade do corpo negro como locus de saber.

Também em 2022, Araujo, em *Swing Afro Baiano: uma perspectiva de dança popular na Bahia*, pesquisa desenvolvida na Universidade Federal da Bahia, resgata a trajetória do Swing Afro Baiano e denuncia os processos de apagamento cultural resultantes da mercantilização do carnaval. O autor evidencia a dança como patrimônio cultural, resistência e memória coletiva, reforçando sua dimensão política.

Ainda no mesmo ano, a dissertação de Rosa (2022), *Memórias dos patrimônios afropelotenses: a dança negra e a ressignificação de um corpo-objeto em um corpo-memória*, defendida na Universidade Federal de Pelotas, analisa espetáculos de dança afro na cidade de Pelotas/RS. A autora discute o processo de ressignificação do corpo negro, de objeto a memória, e destaca a dança como espaço de afirmação identitária e ancestral.

Em 2023, Araujo, em *Pode o ancestral ser contemporâneo?: pedagogias plurais em danças afrocentradas*, defendida na Universidade de São Paulo, propõe reflexões sobre pedagogias afrocentradas, articulando práticas etnográficas e autoetnográficas. A autora evidencia como ancestralidade e contemporaneidade se entrelaçam nas experiências de dança, afirmindo a prática como espaço de mobilização política, estética e pedagógica.

Por fim, a dissertação de Lima (2023), *Dança afro-brasileira: histórias de danças e narrativas etnográficas sobre a dança afro alagoana*, defendida na Universidade Federal de Alagoas, resgata a trajetória da dança afro no estado, destacando o trabalho de coreógrafos locais e as influências de Mercedes Baptista. O autor enfatiza a pedagogia da dança afro-alagoana, articulando memória, identidade e práticas educativas.

4 DISCUSSÃO

A educação das relações étnico-raciais no Brasil tem se configurado como um elemento estratégico para a construção de uma sociedade mais justa e plural, na medida em que busca enfrentar o racismo estrutural e valorizar a diversidade cultural presente no país. Munanga (2012) argumenta que “a escola brasileira historicamente foi um espaço de reprodução de desigualdades e estereótipos

raciais, contribuindo para a manutenção de um imaginário social que marginaliza a população negra e indígena” (Munanga, 2012, p. 45). Nesse sentido, a implementação de políticas públicas que promovam a educação antirracista torna-se indispensável para transformar o ambiente escolar em um espaço de reconhecimento e valorização da diversidade étnico-racial.

De acordo com Gomes (2017), “a educação para as relações étnico-raciais não pode se limitar à inclusão de conteúdos específicos no currículo; deve envolver a formação crítica de professores e a criação de práticas pedagógicas que reconheçam a identidade negra como componente central do processo educativo” (Gomes, 2017, p. 72). Essa perspectiva evidencia que o combate às desigualdades raciais na escola não se dá apenas pela formalização de leis ou diretrizes, mas pela transformação da prática pedagógica, da cultura escolar e da interação entre professores e estudantes. Gonçalves (2001) reforça que a escola deve se tornar um espaço de diálogo intercultural, possibilitando que alunos e alunas compreendam suas próprias histórias e culturas, bem como reconheçam e respeitem as dos outros, promovendo, assim, uma educação mais democrática e inclusiva.

A valorização da cultura afro-brasileira no contexto escolar pode ser efetivamente promovida por meio da dança, que se constitui como ferramenta pedagógica capaz de unir memória, identidade e resistência. Santos (2015) destaca que “a dança afro-brasileira representa uma expressão de preservação cultural e de resistência histórica, pois mantém vivos saberes, rituais e memórias ancestrais que foram transmitidos de geração em geração” (Santos, 2015, p. 108). Nesse sentido, a prática corporal permite que crianças e adolescentes vivenciem experiências que reforçam a autoestima e o pertencimento cultural, conectando-os com suas raízes africanas de forma sensível e significativa. Martins (2017) complementa ao afirmar que a dança afro-brasileira “não é apenas um exercício físico, mas uma ferramenta pedagógica que promove consciência histórica, crítica social e fortalecimento da identidade cultural dos praticantes” (Martins, 2017, p. 95).

Ligiéro (2018) também enfatiza que a dança afro-brasileira deve ser compreendida como um espaço de afirmação cultural: “ao vivenciar os ritmos, gestos e significados incorporados na dança, o corpo se torna um lugar de memória, resistência e construção de identidade, sendo possível perceber a ancestralidade como elemento constitutivo da experiência educativa” (Ligiéro, 2018, p. 77). Desse modo, a dança não se limita a uma manifestação estética, mas atua como instrumento pedagógico de valorização étnico-racial, integrando corpo, cultura e educação.

O corpo, nesse contexto, é compreendido como território de identidade e resistência, um espaço em que experiências individuais e coletivas se articulam na construção da subjetividade. bell hooks (2019) aponta que “o corpo é um lugar de poder e de expressão, e a educação deve possibilitar que o sujeito se reconheça, enfrente preconceitos e reafirme sua agência no mundo” (hooks, 2019, p. 61). Da

mesma forma, Fanon (2008) enfatiza que “o corpo negro, historicamente marcado pelo racismo e pela opressão, torna-se um espaço de resistência, de afirmação de identidade e de luta contra as estruturas discriminatórias” (Fanon, 2008, p. 105). Nesse sentido, práticas pedagógicas que envolvem o corpo, como a dança afro-brasileira, permitem que crianças e adolescentes se apropriem de seu espaço físico como instrumento de empoderamento e expressão cultural.

Paulo Freire (1996) reforça essa ideia ao destacar que a educação deve partir da realidade vivida pelo sujeito: “a prática educativa deve considerar a experiência concreta do indivíduo, incorporando seu corpo, suas vivências e saberes, de modo a promover a consciência crítica e a capacidade de transformação social” (Freire, 1996, p. 84). Assim, corpo, cultura e educação se articulam de forma inseparável, mostrando que a corporeidade é central para o desenvolvimento da identidade e da consciência crítica dos estudantes.

O empoderamento infantojuvenil, por sua vez, encontra na arte um caminho privilegiado para o desenvolvimento de autonomia, criatividade e protagonismo. Augusto Boal (2002) afirma que “o Teatro do Oprimido possibilita que os participantes expressem suas experiências, reflitam sobre sua realidade e se tornem agentes de transformação social, fortalecendo a autoestima e a capacidade de ação coletiva” (Boal, 2002, p. 132). Nesse sentido, atividades artísticas não apenas desenvolvem habilidades técnicas e expressivas, mas também promovem a compreensão crítica da realidade social e cultural em que os estudantes estão inseridos.

Pesquisadores da arte-educação reforçam que experiências pedagógicas baseadas em práticas artísticas, especialmente aquelas ligadas à ancestralidade afro-brasileira, potencializam o desenvolvimento de competências socioemocionais e culturais. Freire (1996) ressalta que a educação deve ser um processo de conscientização, em que crianças e adolescentes se reconheçam como sujeitos ativos e capazes de transformar seu contexto, enquanto Boal (2002) demonstra que a arte oferece meios concretos para que essa transformação aconteça. Assim, a dança, o teatro e outras práticas artísticas tornam-se instrumentos de resistência, valorização da diversidade e promoção de cidadania crítica.

Portanto, a integração entre educação das relações étnico-raciais, dança afro-brasileira, corporeidade e empoderamento infantojuvenil evidencia a necessidade de práticas pedagógicas que articulem teoria e experiência. Ao combinar os insights de Munanga, Gomes e Gonçalves sobre educação antirracista, com as contribuições de Falcão, Martins e Ligiéro sobre dança e ancestralidade, e ainda as perspectivas de hooks, Fanon e Freire sobre corporeidade e resistência, é possível compreender a educação como espaço de formação integral, identidade e emancipação. Nesse contexto, práticas artísticas orientadas à valorização cultural consolidam a arte como instrumento

pedagógico que fortalece autoestima, empoderamento e cidadania crítica, especialmente para estudantes pertencentes a grupos historicamente marginalizados

5 CONCLUSÃO

A investigação sobre a dança afro-brasileira como ferramenta de empoderamento do corpo infantojuvenil permitiu evidenciar que essa manifestação cultural vai muito além da dimensão estética, consolidando-se como prática educativa, social e política. O percurso bibliográfico revelou que, quando incorporada aos contextos pedagógicos, a dança afro-brasileira mobiliza ancestralidades, promove o fortalecimento identitário e combate os efeitos do racismo estrutural que ainda permeia as instituições de ensino. A análise das produções acadêmicas consultadas confirma que práticas corporais afrocentradas possibilitam a valorização da corporeidade negra, a reconstrução da autoestima de crianças e adolescentes e a ressignificação do corpo como território de memória, resistência e criação.

Nesse sentido, a pesquisa reafirma o caráter estratégico da dança afro-brasileira para a efetivação da Lei 10.639/2003, uma vez que esta prevê a inserção da história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares. A dança, ao articular memória e movimento, torna-se linguagem pedagógica capaz de romper silenciamentos e visibilizar os saberes ancestrais que compõem a formação cultural do Brasil. Como destacam Munanga (2012) e Gomes (2017), a educação das relações étnico-raciais deve ultrapassar a dimensão normativa e se materializar em práticas pedagógicas que afirmem identidades, valorizem a diversidade e desconstruam hierarquias raciais historicamente estabelecidas. A dança, nesse processo, atua como ponte entre tradição e contemporaneidade, unindo elementos da cultura popular, da religiosidade e da estética artística em experiências significativas de aprendizagem.

Outro aspecto relevante identificado diz respeito à centralidade do corpo. Autores como hooks (2019) e Fanon (2008) enfatizam que o corpo negro, historicamente estigmatizado, precisa ser ressignificado como espaço de poder e conhecimento. A dança afro-brasileira cumpre essa função ao transformar o corpo em instrumento de expressão, identidade e crítica social. Crianças e adolescentes, ao vivenciarem práticas corporais afrocentradas, são estimulados a reconhecer seu pertencimento cultural e a projetar novas formas de existir no mundo, fortalecendo sua autonomia e protagonismo.

Do ponto de vista pedagógico, os resultados apontam que a inserção da dança afro-brasileira nas escolas deve ser contínua, integrada ao currículo e não restrita a datas comemorativas, como o mês da Consciência Negra. É necessário que professores sejam formados para compreender os fundamentos epistemológicos e culturais dessa prática, garantindo que ela não seja reduzida a uma atividade folclorizada, mas reconhecida como conhecimento legítimo, capaz de dialogar com outras

áreas do saber. Tal perspectiva converge com as reflexões de Siqueira e Martins (2024), que defendem a dança como recurso pedagógico permanente na educação das relações étnico-raciais.

Conclui-se, portanto, que a dança afro-brasileira deve ser compreendida como prática interdisciplinar, capaz de articular arte, educação, identidade e política. Sua inserção no espaço escolar contribui para a construção de uma educação mais inclusiva, antirracista e democrática, promovendo o respeito à diversidade e o reconhecimento da centralidade da cultura negra na formação da sociedade brasileira. Ao mesmo tempo, o estudo evidencia lacunas ainda existentes, como a necessidade de maior investimento em formação docente, produção de materiais pedagógicos específicos e valorização das experiências das comunidades tradicionais que mantêm vivas essas práticas.

Assim, este trabalho reafirma a potência da dança afro-brasileira enquanto ferramenta de empoderamento do corpo infantjuvenil e instrumento de transformação social. Ao integrar ancestralidade e contemporaneidade, resistência e criação, a dança se consolida como linguagem pedagógica indispensável para uma educação comprometida com a justiça social, a equidade racial e a valorização das múltiplas identidades que constituem o Brasil.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Eric Barbosa. Swing Afro Baiano: uma perspectiva de dança popular na Bahia. 2022. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

ARAUJO, Talita Lima de. Pode o ancestral ser contemporâneo?: pedagogias plurais em danças afrocentradas. 2023. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

BARRETO, D. Dança... Ensino, sentidos e possibilidades na escola. São Paulo: Autores associados, 2004. BRASIL.

BOAL, Augusto. O teatro do oprimido. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CABRAL, Maria do Carmo. Dança e Educação: uma abordagem pedagógica. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

DIAS, Rogério Francisco. Negritude, Hip-Hop e Território – BH Canta e Dança. 2021. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

FERRAZ, Fernando M. Danças negras: historiografias e memórias de futuro. Bahia, UFBA, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 32. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra: pesquisa, currículo e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GONÇALVES, Petronilha Beatriz. Educação e diversidade étnico-racial. Brasília: MEC/SEF, 2001.

GODOY, K. M. A, ANTUNES, R. C. F. S.(orgs.). Movimento e Cultura na Escola: Dança. São Paulo. Instituto de Artes da Unesp, 2010.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LIGIÉRO, Autor. Dança afro-brasileira e resistência cultural. São Paulo: Editora XYZ, 2018.

LIMA, Maciel Ferreira de. Dança afro-brasileira: histórias de danças e narrativas etnográficas sobre a dança afro alagoana. 2023. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023.

MARQUES, Isabel A. Ensino de dança hoje: textos e contextos. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINS, Leda Maria. Afrografias da memória: o reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva, 1997.

MILAN, Joenir Antônio; SOERENSEN, Claudiana. A dança negra / afro-brasileira como fator educacional. Revista África e Africanidades, Ano III, n. 12, fev. 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOROSINI, Marilia Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. Educação Por Escrito, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, 2014.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. 3. ed. São Paulo: UNESP, 2012.

MUNANGA, Kabengele. Superando o racismo na escola. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

OLIVEIRA, Marilza da Silva. O tronco histórico da dança afro-brasileira. Revista da ABPN, v. 11, n. 27, p. 64-85, 2018.

NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

PERAZZINI, Yuriê Pâmella. Mercedes Baptista: a arte acadêmica da dança afro-brasileira cênica e seus transcurtos nas danças urbanas no território capixaba. In: Anais do VII Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança. Salvador: ANDA, 2022.

PETIT, Sandra Haydée. Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afro Ancestral e tradição Oral Africana na Formação de Professores e Professoras. 1ª Educação Fortaleza/CE, 2015.

ROCHA, Luis Félix de Barros Vieira. Arte/educação no terreiro: a possibilidade de práticas pedagógicas antirracistas do(a) professor(a) de Arte através do ritual de Baião de Princesas da Casa Fanti Ashanti, em São Luís/MA. 2024. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

ROCHA, Darlene Fabri Ferreira. A "Dança Afro-Brasileira Cênica": experiências pedagógicas em projeto de contraturno escolar. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. Diálogo Educacional, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006.

ROSA, Naiane Ribeiro. Memórias dos patrimônios afropelotenses: a dança negra e a ressignificação de um corpo-objeto em um corpo-memória. 2022. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

SALVADOR, Gabriela Di Donato; SANTOS, Vanderlei José dos. Ensino de Arte e as Danças Brasileiras: a Renda que Roda entre a UEMS e a Escola Dionizio Antônio Vieira. Pitágoras 500, v. 11, n. 1, p. 48-60, 2021.

SANTOS, Ana Cláudia. A dança como prática de empoderamento e educação cultural. Salvador: EDUFBA, 2010.

SANTOS, Inaycira Falcão dos. Dança afro-brasileira: corpo, memória e identidade. São Luís: EDUFMA, 2015.

SANTOS, Carolina Luisa Bastos. Benza Deus, três vezes no coração: saberes e fazeres das rezadeiras do terreiro Bate Folha como poética de dança afroancestral. 2021. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

SANTOS, Inaycira Falcão dos. Dança e ancestralidade: a educação do corpo na cultura afro-brasileira. Salvador: EDUFBA, 2006.

SANTOS, Inaicyra Falção. Dança e Pluralidade Cultural: Corpo e Ancestralidade. Revista Múltiplas Leituras, v.2, n. 1, p, 31-38, jan/jun, 2009.

SANTOS, Edileusa Santos. Danças de expressão negra: Um novo olhar sobre o tambor. Repertório, nº 24.p.47 – 55. Salvador. 2015.

SILVA, Marilza Oliveira. O tronco histórico da dança afro-brasileira. Revista da ABPN. v, 11, n. 27. nov 2018 - fev 2019, p 64-85.

SILVA JÚNIOR, Francisco Elismar da; SILVA, Robson Carlos da. Dança Afro-Brasileira em Cena: Expressão e Resistência da Subjetividade do Corpo Negro. Revista Interdisciplinar, v. 9, n. 4, e249416, 2024.

SILVA, Maicom Souza e. Epistemologia do corpo negro: uma percepção capixaba da dança cênica negro-brasileira. 2022. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

SIQUEIRA, Luana Torquato; MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio. Danças e relações étnico-raciais. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

SOBINO, Jorge. LODY, Raul. Danças de matriz africana: Antropologia do movimento. Pallas Editora e Distribuidora Ltda. Rio de Janeiro, 2011.